

2

frio frio azul transparente e frio (bis) no branco das casas no fumo branco das casas brancas de manhã azul a desmaiar a empallidecêr para branco e frio nas pernas núas p'lo monte acima a accordar e as cabras obliquas pra cima a mexer a subir na relva parada nas pedras quietas e sol ao longe sol que ha-de vir sosinho sem companhia ali p'lo monte acima cada vez mais verde com fumos brancos nas casas brancas lá em baixo no frio azul por entre as arvores como as estradas vazias ás listas curvas como o vento da manhã a ir-se embora p'la estrada que vae por detraz do outro monte donde se não vê o moinho velho sem ninguem morto epitafio illegivel com restos de merendas e jornaes que foram embrulhos e datas a lapis p'las parêdes alli dois sosinhos sem ninguem ver só com o comboio lá em baixo com um fumo branco pra traz e por cima dos wagons pretos cheios de gente da terceira classe a olharem pró moinho velho com historias e moleiros e dramas de namorados e merendas e pic-nics e burricadas e conversas pra entreter e o rio que todos acham bonito lá em baixo como o estilhaço dum espelho deitado para cima entre as arvores verde-escuro atarracadas enterradas no valle e cascas de pinhões em cima de banco de pedra por fóra do moinho á roda co'a pedra de partir ao lado sem signaes da mão que a pegou e uma garrafa de gazosa e cascas de laranjas seccas resequidas esquecidas de ha uma semana e zora tem pouca lenha para apanhar no monte lá em cima ao pé do moinho com uma escada rôta ainda mais para cima até ao telhado com o eixo e a mó parados parados desde um dia desde um instante parados para sempre com pedaços rasgados de uma carta a tinta rôxa em papel vulgar em papel ordinario com teias d'aranha por todos os lados e um cortiço d'abelhas e rôlhas ordinarias de gazosas com signaes de guita e um botão de bota sem lenha para levar ao pac e a mãe zanga-se e o pae bate-lhe com certeza e não almoça que vá lavar a roupa ao rio sem almoçar mandriona pórcia o ensaio é ao meiodia sem almoçar depois de lavar a roupa no rio que todos acham bonito visto de lá de cima do moinho como o estilhaço de um espelho deitado para cima entre as arvores sem tronco no valle verde-escuro

3

correu até ao meio co'o seu maillot vermelho esfarrapado de rapariga vermelha co'o seu maillot trigueiro de olhos humidados da vida antes de entrar em cena e entusiasmo duro de acetilene com vento da praia e bem fincados os pés no meio do tapete cada vez mais verde pra traz desconjuntadamente a fechar a curva do maillot vermelho anel de ferro em braza a unir as pontas na forja com o folle só no ruido da luz dura da acetilene sexo innocente num buço triangular rasgão ocasional até ao umbigo co'o ventre em expressão de vida por gastar e a cabeça pra cima vermelha-em-braza redonda e o circo outra vez direito com trez degraus de caras iguaes em circulos de expressão dividida até ao entusiasmo dos de pé descalço sentados pequenos á frente de olhos espantados a querer mais assim com o rasgão era melhor outra vez outra vez e outra vez fincou os pés no tapete e o rasgão por cima da côxa ao comprido até ao joelho buço triangular do sexo innocente e as nadegas fortemente comprimidas pra voltar pra cima outra vez com o circo outra vez direito de caras de homens e o pêscôço d'ella todo pintado de rôxo a fugir-lhe p'la respiração numa gota de suor a arrefecer nos bicos dos seios de zóra na voz da mãe e outra vez com alfinête de dama a meio do rasgão mesmo por cima do sexo e um sorriso em expressão de sexo de doze anos a ver os meninos ricos a brincar na areia ao sol com baldes e pás e creadas e calções arregaçados até ás vrilhas a olhar em roda e só homens iguaes e coisas que ella tinha penna de não ter tambem ás vezes ao canto da roulotte nos cobertores com trovões dentro d'ella sem abrigo que lhe tirasse metade do mêdo pintado nos olhos pra dentro do silencio de não querer onvir os desenhos do muro amarello do quartel melhor com côres e transparentes e avelludados meigos tactos de pétalas de rósa de botões de rosa a abrirem a darem-se a abrirem-se pra ter calor dentro de si e fechar depois e guardar o calor por muito tempo sobre estófos ás escuras e depois ficar a dormir naquella suspensão de febre co'as côxas a arder por dentro e a mão a guardar o proprio calor do sexo num alheamento de si alli no circo co'o rasgão cada vez maior e a dizer dôze depois da ultima cambalhota e ir logo a correr pró tambor que o pae já dera no cornetim aquella entrada que não tinha que enganar de um ordinario que era ao mesmo tempo substantivo e adjetivo e que a gente já sabe de cór mesmo antes de o ouvir pla primeira vez e depois rufar com força aquelle mesmo rufo lugubre e monótono de fim da tarde p'las ruas da aldeia co'o pae vestido de athleta nú e escripto no peito e nas costas e nos inchaços dos braços de vergar barras de caes informe